

## ON HER MAJESTY'S SECRET SERVICE / 1969

(007 - Ao Serviço de Sua Majestade)

um filme de PETER R. HUNT

*Realização:* Peter R. Hunt / *Argumento:* Richard Maibaum com diálogos adicionais de Simon Raven, adaptando a novela homónima de Ian Fleming / *Direção de fotografia:* Michael Reed / *Direção de arte:* Robert W. Laing; *decoreação:* Peter Lamont / *Guarda-roupa:* Marjory Cornelius / *Caracterização:* Basil Newall, Paul Rabiger / *Som:* Gordon K. McCallum, John W. Mitchell; *misturas:* Maurice Askew, Otto Snel, Lionel Strutt; *dobragens:* Harry Miller, Nicholas Stevenson / *Música original:* John Barry *Efeitos visuais:* John Stears / *Montagem:* John Glen / *Anotação:* Joan Davis / *Assistente de realização:* Frank Ernst / *Interpretação:* George Lazenby (James Bond), Diana Rigg (Condessa Teresa "Tracy" di Vicenzo), Telly Savalas (Ernst Stavro Blofeld, Conde Balthazar de Bleuchamp, dobrado por David de Keyser), Ilse Steppat (Irma Bunt), Lois Maxwell (Money Penny), George Baker (Sir Hilary Bray, Herald in the London College of Arms), Bernard Lee (M), Bernard Horsfall (Shaun Campbell, alpinista), Desmond Llewelyn (Q), Yuri Borienko (Grunther), Virginia North (Olympe), Geoffrey Cheshire (Toussaint), Irvin Allen (Che Che, guarda-costas de Tracy), Terry Mountain (Raphael), James Bree (Gumbold), John Gay (Hammond) / "As Raparigas": Angela Scoular (Ruby Bartlett, inglesa), Anouska Hempel (australiana), Catherina von Schell (Nancy, húngara), Dani Sheridan (americana), Helena Ronee (israelita), Ingrid Back (alemã), Jenny Hanley (irlandesa), Joanna Lumley (inglesa), Julie Ege (escandinava), Mona Chong (chinesa), Sylvana Henriques (jamaicana), Zaheera (indiana).

*Produção:* Eon Productions (Estados Unidos da América, 1991) / *Produtores:* Albert R. Broccoli, Harry Saltzman / *Produtor associado:* Stanley Sopol / *Cópia:* Park Circus, DCP (a partir de digitalização de materiais em 35mm), colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 142 minutos / *Estreia:* 15 de maio de 1991, Festival de Cannes (Fora de Competição) / *Estreia comercial pelo mundo* (Bélgica, Dinamarca, França, Reino Unido, Grécia, Itália, Países Baixos, Noruega, Suécia, Finlândia, Estados Unidos da América, Alemanha de Leste): 18 e 19 de dezembro de 1969 / *Estreia comercial portuguesa:* 1 de janeiro de 1970, Cinemas São Jorge (distribuidora Rank Filmes) / *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

**On Her Majesty's Secret Service** é, de longe, o mais atípico dos filmes da série 007 e – talvez por isso – o melhor. A sua estranheza e ousadia repercutem-se em muitas das suas decisões. Feito com base no molde que dera origem aos cinco títulos precedentes, o filme preserva-o e parte-o ao mesmo tempo. Peter R. Hunt, o realizador, havia montado todos os filmes anteriores (e sido o realizador da segunda equipa em **Goldfinger** e **Thunderball**). Aqui, na sua estreia atrás da câmara, consegue a proeza de ter o bolo e comê-lo. Eis um filme de continuidades e disrupções que tem perfeita consciência do jogo de variações que está a propor ao espectador. Um jogo feito a partir do conhecimento prévio da série. Para não ir mais longe, atente-se nos primeiros minutos de filme, na sequência pré-genérico:

1) o filme começa com um exercício de autoparódia, com Q a admitir que todas as suas engenhocas estão "obsoletas" e, de facto, a ação não dependerá minimamente de qualquer dessas invenções. Este será um James Bond da matéria e do corpo, sem acessórios tecnológicos;

2) ao longo dos primeiros minutos, tudo se constrói segundo o signo da ocultação. Por um lado, o filme adia – até ao limite possível – revelar que estamos perante um outro ator (Sean Connery tinha-se fartado e os produtores decidiram, depois de considerarem centenas de candidatos, pelo modelo George Lazenby, que até então não tinha ainda trabalhado como ator – apesar de ter um contrato para sete filme, Lazenby decidiu, ainda durante a rodagem, rescindir o contrato e Connery regressaria para mais um filme, **Diamonds Are Forever**, antes de ser substituído por Roger Moore, que asseguraria a série até meados da década de oitenta). Essa ocultação faz-se a partir de um jogo de sombras e pontos de vista que reduzem a personagem a uma boca que fuma ou a uma silhueta. Mas este jogo de "escondidas" estende-se a outras personagens, nomeadamente a Teresa, na sequência da roleta – com o rosto da atriz obstruído por um cadeeiro – ou mesmo com a personagem de Blofeld, cuja aparição é adiada por mais de uma hora. Há, por isso, um trabalho sobre a ocultação que atravessa todo o filme, preocupação formal que trabalha por contradição, já que este é – paradoxalmente – o retrato mais íntimo e vulnerável de James Bond. No fundo, o jogo da obstrução serve, dramaturgicamente, como forma de antecipar e dramatizar a vontade de desvelar a personagem;

3) pela primeira vez – antecipando, de algum modo, a qualidade sardónica de Roger Moore – Lazenby olha diretamente para a câmara e comenta, "Isto nunca aconteceu ao outro tipo", colocando-se de fora da ação e dirigindo-se diretamente ao espectador que se havia habituado a Sean Connery. Esta autoconsciência irónica não tem muitos ecos dentro do filme, mas é bastante reveladora do modo como Hunt trabalha a ideia de variação, incluindo o espectador nesse jogo.

4) ainda a propósito destes primeiros minutos, é particularmente perturbador que tudo se desenvolva sem qualquer contexto, especialmente quando se trata de uma tentativa de suicídio por parte da Bond Girl. Teresa/Diana Rigg é, aliás, uma das mais complexas personagens femininas da série (pelo menos até meados dos anos noventa), sendo que o “salvamento” da sequência de abertura será substituído por um “salvamento” inverso, quando Bond, perseguido na estância de Inverno, se cruza acidentalmente com Teresa e esta assume – literalmente – o controlo da ação e, ao volante, inicia uma das mais delirantes perseguições automóveis dos filmes da série 007;

5) por fim, é impossível evitá-lo, toda a sequência de pancadaria é quase uma caricatura sobre a imagem – muito fixada pelo Estado Novo – da portugalidade. A luta entre um homem armado com uma âncora e outro com um remo, entre barcos e redes de pesca, poderia ser uma variação *thrillesca* em modo espionagem de **Ala-Arriba!**. Leitão de Barros ficaria orgulhoso de ver esta exaltação do espírito marítimo e piscatório da “alma portuguesa” (morreu dois anos antes) e, talvez, António de Macedo tenha visto este filme e isso tenha inspirado algumas das cenas de **A Promessa**. É certo que o exotismo sempre definiu o modo como os filmes da série 007 trabalham os territórios que filmam (num diálogo entre uma certa imagem de tradição e a sofisticação dos casinos e estâncias balneares), mas no caso português – e para um público português – essa abordagem ganha uma dimensão algo ridícula, por aí nos vemos refletidos (ou antes, por aí vemos refletidos uma ideia de nós construída pela publicidade e pela propaganda – no casamento final, com aquela roda de mulheres minhotas, tudo fica dito sobre o olhar folclórico e ‘folclorizante’ em relação a Portugal). Já agora, o mesmo viria a acontecer em **The Man with the Golden Gun**, parcialmente rodado em Macau, quando este era ainda território português, com o luxo dos casinos a conviver com o trabalho artesanal de um fabricante de armas.

Peter R. Hunt, que estava totalmente por dentro da série, queria fazer “algo completamente diferente. Era o meu filme, não o de outra pessoa.” E, de facto, **On Her Majesty’s Secret Service** é um filme que se destaca dos demais pela sua fidelidade ao romance de Ian Fleming (um dos poucos momentos de desvio passa – nem de propósito – por situar a ação em Portugal, quando no livro tudo acontece no sul de França; o motivo: as paisagens francesas estavam já “demasiado vistas”) e pelo recorte humano da personagem de James Bond. Já não estamos perante um boneco – um *action hero* –, este é um homem que tem medo, que se arrepende, que leva pancada e que se magoa. O final trágico é o paroxismo disso mesmo – e a afirmação definitiva da diferença deste filme em relação aos demais. Passariam quatro décadas até que, com Daniel Craig, se retomasse esta linha “humanista”.

Mas a verdade é que, mesmo no jogo das variações, um filme de 007 será sempre um filme de 007. É certo que este é distinto (em duplo sentido) dos demais e vários têm sido aqueles que o defenderam. Por exemplo, Steven Soderbergh escreveu que “é o melhor filme de Bond e o único que vale a pena ver repetidamente por razões que não as do puro entretenimento (certamente o único filme de James Bond que quando vejo penso: *Vou roubar aquela ideia.*)” Acrescentado que “Plano após plano, o filme é deslumbrante (...) — as composições anamórficas são incrivelmente cativantes — e os padrões da montagem das sequências de ação são totalmente loucos [*'bananas*]; é como se Peter Hunt (...) tivesse pegado em todas as ideias da Nouvelle Vague e as tivesse misturado com Eisenstein num processador de comida para criar uma gramática que ainda hoje supera a estética do «quão rápido se consegue cortar».” De facto, a forma como Hunt trabalha o *scope* com Michael Reed (outro veterano da série) é particularmente surpreendente (o espaço negativo, as composições descentradas, etc.) e, do ponto de vista da montagem, há nas cenas de luta um apuramento que é da ordem do caos organizado.

De qualquer modo, Hunt trabalha por relação ao modelo. O que é surpreendente, em **On Her Majesty’s Secret Service**, é a forma como o filme se apresenta enquanto alegoria da sua própria inscrição no seio da série. Recorde-se que o cerne dramático do filme se prende com a heráldica (“a ciência e a arte de descrever, estudar e criar brasões de armas”) e, conseqüentemente, sobre as linhas de sangue e de familiaridade (não por acaso este é o único filme em que Bond imagina uma descendência a partir do casamento com Teresa). Assim sendo, é possível entender essa preocupação de Blofeld em afirmar a sua linhagem face a um James Bond mascarado de especialista em árvores genealógicas (identidade ostensivamente homossexual – o que reforça mais ainda a ironia da sua “não descendência”) como um retrato da própria produção do filme, preocupada em inscrever-se numa família sem saber que, afinal, daria origem a um filme bastardo.